

OS ASSENTAMENTOS LÍTICOS DOS CAÇADORES DA MATA ATLÂNTICA EM TAIÓ, SC

Prof. Ms. Fúlvio Vinícius Arnt¹
Prof. Dr. Marcus Vinícius Beber²
Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz³

Resumo

Desde 1985 a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas vêm executando pesquisas arqueológicas no planalto e no litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, buscando produzir amostras para um sistema de assentamento indígena no sul do Brasil. Para tal, os pesquisadores conjugam dados da arqueologia, da etno-história e da etnografia.

Para um novo exercício, escolheu-se o Município de Taió, localizado na borda do planalto catarinense, numa região em que se observam ambientes da mata com Araucária e ambientes da Mata Atlântica; também ocupações pré-históricas diferenciadas.

O resultado dessa pesquisa nos dá algumas idéias para o sistema de assentamento correspondente a dois tipos de sítios: a céu aberto, com pontas de projétil da tradição Umbu, e outros com “casas subterrâneas”. O sistema de assentamento é a maneira como um grupo se estabelece no território, usando aldeias ou acampamentos para os quais traz os bens conseguidos através de assentamentos suplementares, ou circulando pelo território, no qual estabelece acampamentos complementares e sucessivos, geralmente estacionais. Os cemitérios e caminhos, que também fazem parte do sistema, não foram detectados.

Estudos anteriores haviam criado modelos iniciais para um padrão de assentamento na área em estudo, que procuramos aperfeiçoar.

Palavras-chave: sistema de assentamento, pontas de projétil, casas subterrâneas

Abstract

Since 1985, the archaeologists of the Instituto Anchieta de Pesquisas are investigating the highlands and the coastal plains of the federal states of Santa Catarina and Rio Grande do Sul in search of good prehistoric samples to understand the aboriginal settlement system of the area. For the purpose they use archaeological, ethno-historical and ethnographical contributions.

For a new exercise, the authors chose the city Taió, on the edge of Highlands of Santa Catarina, the frontier of the Araucaria Forest and of the Atlantic Rain Forest; where also the prehistoric cultures meet.

Our incipient investigation gives some ideas about the settlement system. Locally we found two types of archaeological sites: open air camp sites with projectile points of the Umbu tradition, and sites with pit houses. The settlement system is the way a group occupies a territory, using a village or central establishment with supplemental camps, or circulating in the territory, using complementary, successive, seasonal camps. Cemeteries and trails, which are also part of the system, were not observed.

We tried to improve previous settlement models established for the area.

Keywords: settlement system, projectile points, pit houses.

1. Introdução

No Estado de Santa Catarina a pesquisa arqueológica possui uma tradição de mais de meio século, voltada principalmente para o litoral, onde procurou compreender o fenômeno dos Sambaquis. O volume de pesquisas em outras regiões do Estado foi bem menor e a maior parte visava cumprir exigências de projetos de grande porte, como linhas de transmissão de energia, barragens ou estradas.

As áreas do planalto próximas a nosso projeto foram pouco estudadas; até a década de 1990 é possível citar os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores Walter F. Piazza, Alroino Eble e P. João Alfredo Rohr, S.J.

¹ Pesquisador da UNISINOS/IAP. E-mail: fvarnt@unisininos.br

² Professor/Pesquisador da UNISINOS/IAP. E-mail: beber@unisininos.br

³ Coordenador do projeto, bolsista em produtividade do CNPq. E-mail: anchietano@unisininos.br

A partir de 1965, Piazza iniciou pesquisas, no âmbito do PRONAPA, no Vale do Rio Itajaí, encontrando diversos sítios; entre eles, abrigos sob rocha e sítios a céu aberto. Em nenhum desses sítios ele encontrou cerâmica.

Em 1974, Piazza publicou os resultados das pesquisas desenvolvidas no Planalto de Canoinhas, Santa Catarina, onde localizou 6 sítios arqueológicos às margens de nascentes e cursos de água, nas proximidades do atual Município de Itaiópolis. Ele caracterizou como *sítios de habitação* os que se apresentavam cobertos, e como *sítios oficina* aqueles encontrados em locais abertos. Estes sítios e suas pontas de projétil levaram o pesquisador ao estabelecimento da fase pré-cerâmica Itaió:

“Os sítios desta fase pré-cerâmica caracterizam-se por grutas ou abrigos-sob-rocha, no grupo de sítios-habitações, cujas dimensões variam entre 3 e 20 m de profundidade, 1,5 a 5 m de altura e 2 a 15 m de boca, e em sítios-oficinas - com áreas variáveis entre 1000 e 5000 m².

Nos sítios-oficinas o refugio está em pequena profundidade, não ultrapassando 30 cm ao passo que nos abrigos-sob-rochas alcançaram até cerca de 2,50 m de profundidade.

Trata-se de área em que as grutas ou abrigos-sob-rochas estão escavados em arenito permiano, ao longo de curso d'água, dentro e/ou envoltos em floresta latifoliada de encostas, apresentando, pois, condições naturais de subsistência aos povos pré-históricos que ali se fixaram.

A fase Itaió se identifica pela indústria lítica (...), notadamente pelas pontas-de-flechas de quartzo, de calcedônia ou de arenito endurecido, além de artefatos de lascas, ou ainda, raspadores e batedores de arenito endurecido. Obteve-se 2 datações de C-14: A.D. 1290 e 1660 (SI-537 e 536).” (Piazza, 1974 : 61)

Concomitantemente, Alroino Eble esteve no Vale do Itajaí durante as décadas de 1960 e 1970, registrando mais de 78 sítios arqueológicos. Desses, 12 localizam-se no então Município de Taió. Segundo Farias (2005), o material lítico coletado pelo pesquisador (e depositado no acervo do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC) aponta para a tecnologia desenvolvida por grupos pré-coloniais vinculados à Tradição Umbu. É importante salientar que Eble não publicou os resultados desta pesquisa, nem tão pouco sua documentação de campo está acessível.

Por sua vez, P. João Alfredo Rohr, de 1966 a 1971, localizou ao menos 67 sítios em contextos ecológicos semelhantes. No Município de Bom Retiro, Rohr (1984) identificou 16 sítios, em Alfredo Wagner mais 6, em Urubici 39. Encontrou ainda 15 abrigos, distribuídos entre os Municípios de Urubici, Petrolândia, Rancho Queimado, Atalanta, Imbuia, Ituporanga, Bom Retiro e Alfredo Wagner. Em alguns desses, o material coletado compõe-se de pontas de projétil, contas em osso, adornos em conchas, trançados, fragmentos de cerâmica, além de ossos humanos.

Para o contexto de Mata Atlântica do Vale do Rio Tubarão, na encosta leste do Planalto, as pesquisas realizadas por Farias (2005) registraram 22 sítios líticos novos, com ou sem pontas de projétil. A partir deles, ela criou uma discussão sobre os grupos pré-históricos que viviam neste contexto e sua relação com os índios Xokleng do século XIX-XX. Através da justaposição de mais de 215 sítios com pontas de projétil, localizados neste ambiente, e os locais de ocorrência dos ataques indígenas, ela sugere uma conexão entre os primeiros e os segundos. Os sítios com pontas de projétil poderiam, então, ser considerados restos de acampamentos dos antepassados dos Xokleng, circulando pela Mata Atlântica (ver Farias, 2005:96 e 287). Além disso, propõe um modelo de assentamento para estes sítios da encosta, que serve como referência para o entendimento de fenômenos semelhantes, como os de Taió.

Em termos etno-históricos, a Mata Atlântica é, de fato, o território tradicional dos índios Xokleng (ou Botocudos de Santa Catarina) (Henry, 1964; Santos, 1973; Lavina, 1994).

O Planalto, domínio da mata de Araucária, foi mais intensamente estudado nos últimos anos (Basile Becker, 1976; Laroque, 2000; Schmitz e outros, 2002; Beber, 2005; Dias, 2005; Milder org., 2005). Estes estudos apresentam as “casas subterrâneas” como o elemento mais visível do período pré-histórico. Elas são indicadoras de um assentamento mais estável, quer tenham cerâmica, quer não. Normalmente são atribuídas aos antepassados dos índios da família lingüística Jê meridional, hoje representados pelos Kaingang. Se também os antepassados dos Xokleng construam casas subterrâneas é ainda uma questão não resolvida.

No Alto Vale do Itajaí do Oeste, os primeiros trabalhos realizados no Município de Taió revelaram a existência tanto de sítios com pontas de projétil, quanto de casas subterrâneas. Por outro lado, a tradição local testemunha a existência de índios Xokleng nos matos da área, e conflitos tanto com Kaingang como com os primeiros povoadores brancos (Beber, Arnt e Rosa, 2005). Aqui é o limite entre a Mata Atlântica e a mata com Araucária e, ao menos, a justaposição de sítios que poderiam representar os dois grupos: sítios com pontas que poderiam ser dos antepassados dos Xokleng e casas subterrâneas, normalmente atribuídas aos Kaingang.

A pesquisa em Taió procura reunir dados sobre o sistema de assentamento na área, quer os sítios pertençam a um só dos grupos, quer pertençam a dois diferentes e, neste caso, qual a relação entre estes grupos.

Para responder a estas perguntas se está fazendo um levantamento geral dos sítios arqueológicos de Taió, descrevendo suas características de implantação, recolhendo amostras sistemáticas em superfície e sub-superfície, datando os sítios mais relevantes. Posteriormente, os resultados deverão ser comparados com o que conhecemos dos índios Xokleng e Kaingang, e de suas formas de estabelecimento.

Pretende-se, assim, estudar a maneira como as populações indígenas pré-coloniais da área se estabeleciam e se movimentavam no território para exploração dos recursos, estruturação da sociedade e defesa do espaço. É o que Renfrew & Bahn (1991) denominam "sistema de assentamento", com aldeias, acampamentos, cemitérios, caminhos, áreas de coleta de material, de caça ou de plantação, inclusive pontos estratégicos para defesa do território.

O projeto é, assim, mais uma pedra num grande edifício, que deseja reconstituir o passado da região sul para utilidade do presente.

2. O Projeto Taió em seu Contexto

O Município de Taió (coordenadas: 27°06'59" de latitude Sul e 49°59'53" de longitude Oeste) situa-se no Alto Vale do Rio Itajaí, Estado de Santa Catarina (Figura 1). É conhecido mundialmente pelo seu patrimônio Paleontológico, que levou à criação do Museu Municipal Paleo-Arqueológico e Histórico "Prefeito Bertoldo Jacobsen". Em termos geográficos, localiza-se na transição entre Planalto e a Serra do Mar, numa altitude que vai de 300 m a 800 m sobre o nível do mar, ocupando uma área de 661,5 km². Pertence ao Alto Vale do Rio Itajaí do Oeste, afluente do Rio Itajaí, que deságua no Oceano Atlântico.

O ambiente comporta campos, Floresta Ombrófila Mista (ou de Araucária) e Floresta Ombrófila Densa (ou Atlântica). As áreas de campos naturais ocupam os locais mais elevados e de solo mais dissecado, onde a floresta não chegou a se implantar, formando apenas capões isolados. Matas contínuas estão especialmente ao longo dos arroios. A cobertura vegetal predominante no município era a floresta, que apresenta dois estágios, caracterizados pela presença ou não da *Araucaria angustifolia*.

Mesmo com todos os impactos que vêm ocorrendo na região, em particular a fragmentação da paisagem, ainda existe uma comunidade biológica bastante diversificada e estruturada. Isso em grande parte é devido à complexidade biológica natural da região, com forte influência da Mata Atlântica. A incidência de vales e encostas dificulta o desenvolvimento de práticas agrícolas desordenadas, o que contribui para a conservação de segmentos da cobertura vegetal.

Historicamente, esse território entre o ambiente de encosta e o de planalto era a última fronteira da colonização germânica proveniente de Blumenau. Silvio Coelho dos Santos (1973) indica que era o local para onde os índios Botocudos (Xokleng) se deslocavam para fugir das represálias dos moradores desta colônia. Mesmo com a criação do Posto Indígena de Ibirama, muitos desses indígenas continuaram circulando pelos caminhos mais remotos do município e, em meados do século XX, ainda se tinham notícias de "brincadeiras" dos "bugres" nas fazendas.

A história natural de Taió é ainda mais rica, levando a equipe do Laboratório de Geologia da UNISINOS a iniciar pesquisas de cunho geológico, no segundo semestre de 2003, quando desenvolveu um projeto de levantamento do patrimônio paleontológico. A partir disso, começaram a surgir muitos artefatos, especialmente pontas de projétil, que levaram ao contato com o Instituto Anchieta de Pesquisas e a solicitação de que assumisse a pesquisa arqueológica. Dessa forma, desde abril de 2004 começaram levantamentos sistemáticos, entrevistas com moradores, donde surgiu a parceria entre a Universidade e a Prefeitura.

Desde então, o Instituto realizou seis expedições que documentaram os sítios encontrados e escavaram parte de um deles. Identificou, até o momento, 18 sítios arqueológicos, dos quais, 17

são sítios líticos superficiais (um deles inclui uma casa subterrânea), a maioria “descobertos” em função da construção de estradas de acesso ou de terraplanagens para construção de moradias e estabelecimento de cemitério público. Essas intervenções cortaram sítios que estavam implantados em elevações naturais, próximos a cursos d’água ou nascentes.

Em quatorze foram registradas pontas de projétil, confeccionadas a partir de seixos e lascas de matéria-prima variada. Ainda existem sítios, com manchas escuras no solo, pequenos e rasos abrigos sob rocha e ocorrências em áreas enfunadas, que denominamos de refúgios.

Além deles, dois sítios possuem estruturas com piso rebaixado, um com 12 “casas subterrâneas” e 1 um montículo (Figura 2), e o outro com apenas 1 casa.

3. Material e Métodos

O trabalho realizado nos sítios líticos consistiu de registro, coleta sistemática do material superficial, entrevista com os proprietários e documentação, incluindo desenho e fotografia das várias coleções de pontas de projétil em posse dos moradores e do Museu Municipal.

As entrevistas foram realizadas com a colaboração do pesquisador associado Jefferson L. Z. Dias, da FACCAT, da Diretoria e da Curadoria do Museu “Bertoldo Jacobsen”. Estas visaram alunos do sistema público de educação do município, que passaram a freqüentar o museu, desde a sua criação, e informavam sobre a ocorrência de pontas nas terras lavradas por seus pais. A partir das informações, deslocava-se até a residência, conversava com os responsáveis e visitava as áreas que estes indicavam (normalmente áreas lavradas com arado manual ou mecânico).

A equipe do Laboratório de Geologia/UNISINOS constatou a existência do sítio com as 12 casas subterrâneas, que também foi visitado por Jefferson Dias, acompanhado de pesquisadores do Instituto.

Neste sítio, em janeiro de 2006, foi realizada uma intervenção em 3 das 12 casas subterrâneas (casas 5, 5A e 6), com a escavação de dois quadrantes em cada uma, além de 9 “janelas” de 1 x 1 m nos arredores (Figura 2). Todas as escavações foram feitas em níveis artificiais de 0,10 m até que os vestígios se esgotassem, o que acontecia numa profundidade média de 0,54 m (exceto um corte sobre o aterro entre as casas, que chegou a 0,84 m de profundidade). Além de carvão para datação, só foram encontrados alguns poucos fragmentos líticos, tanto no interior, quanto ao redor das casas. Nenhuma cerâmica.

Em um dos sítios líticos superficiais (SC-TA-01, dividido em oito pontos de coleta), dadas as condições em que o material se apresentava, utilizamos um procedimento diferenciado. Ele está localizado na margem de uma contenção do Ribeirão da Vargem, construída por indústria de papelão, na década de 1960. Nesse sítio, a combinação da ação antrópica, da chuva e da variação do nível da água, fez com que o solo fosse erodido aos poucos, formando uma “praia” entre a linha d’água e a vegetação da margem. Estes fatores deixaram à mostra uma grande área com lascas e núcleos.

Na ocasião em que os trabalhos foram realizados, foi possível observar áreas de lascamento bem definidas, além de várias estruturas como de fogueiras e manchas de solo queimado (16 áreas, com ou sem material lítico associado).

No SC-TA-01, ponto 1, situado na margem direita da represa, se fez o quadriculamento (2 x 2 metros), abrangendo uma superfície de aproximadamente 652 m², que foi subdividida em duas áreas.

A área 1 possui 69 quadrículas. Em função da pouca densidade de material lítico, ela foi caracterizada como periférica. A área 2 possui 93 quadrículas e parece ser uma área central no afloramento. Todo o material foi registrado em papel milimetrado e fotografado antes de seu recolhimento. Com o aumento do nível da represa, muito material ficou inacessível.

Na outra margem da represa, em terras do Sr. Irineu Piazero, fica o sítio SC-TA-01, ponto 8, com uma casa subterrânea. Neste local não foi feito nenhum tipo de intervenção além do registro. Contudo é dessa fazenda a principal coleção de pontas com a qual estamos trabalhando. Esta coleção foi reunida nas décadas de 1960 e 1970 pela Sra. Maria Stela Piazero, que guardou e organizou as pontas de projétil encontradas por funcionários, vizinhos e conhecidos. Atualmente é composta por 385 peças, entre pontas, pré-formas e pequenos bifaces. A matéria-prima utilizada são silicatos (silex, calcedônia e quartzo), arenito silicificado e basaltóides diversos.

O trabalho desenvolvido com as coleções de material dos moradores consiste na documentação fotográfica e na criação de um banco de dados. Este, unido às análises da indústria lítica, permitirá estabelecer padrões tecno-tipológicos e identidades culturais dos grupos humanos envolvidos (Fogaça, 2001 e Hoeltz, 2005).

A importância dessa coleção reside, além do número elevado de peças, no cuidado com que foram registrados os locais em que foi encontrada cada uma delas. A partir desse registro se está partindo para a localização dos sítios dos quais provêm.

4. Dados iniciais para o sistema de assentamento em Taió

Para entendermos o sistema de assentamento dos grupos humanos que ocuparam esta área de transição entre a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Ombrófila Densa, foram definidas, até o momento, 4 situações: sítios com casas subterrâneas, sítios de refúgio, sítios com pontas em áreas altas e sítios com pontas no vale. Estas 4 situações se diferenciam pela implantação dos sítios, características ambientais e cultura material. Vale lembrar que partem de coletas superficiais sistemáticas e apenas de uma escavação.

4.1. Sítios com casas subterrâneas

Até o momento foram registrados 2 sítios com ocorrência de estruturas com pisos rebaixados. Ambos estão implantados em áreas elevadas, a mais de 600 metros s.n.m., dispostas em suaves pendentes de terreno ondulado, na borda de vales, próximos ao leito de ribeirões com grande volume de água, e em contexto ecológico semelhante, na Floresta Ombrófila Mista.

O primeiro, SC-TA-01 ponto 8, fica na Serra do Júlio, possui apenas uma casa, de formato oval, com 14 metros no maior comprimento e 10 metros no menor. A profundidade atinge 1,9 metros. Parece ter sido uma casa geminada (uma maior e outra menor), cuja divisão interna desmoronou. Atualmente está no campo, a 60 m da margem da represa do Ribeirão da Vargem, porém, seguramente deveria estar na borda do pinheiral. Deste sítio é possível avistar boa parte do vale a leste, bem como a Serra Geral a oeste.

O segundo, SC-TA-04, fica na Serra do Palmital, é composto por 12 casas subterrâneas e ao menos um montículo bem evidente. Percebe-se também a movimentação de terra no entorno das casas. Elas são subcirculares, medindo entre 3 e 5 m de diâmetro e profundidades que variam entre 0,5 e 1,3 m. Estão cobertas por gramíneas e algumas araucárias residuais. A camada arqueológica situa-se entre os 15 e 40 cm, variando de acordo com a inclinação do terreno.

O pouco material proveniente das escavações das 3 casas e do entorno desse sítio ainda está em fase de análise, mas mostra que o grupo que as construiu não era o mesmo grupo que produziu as pontas de projétil.

Ainda não se tem datações suficientes para afirmar alguma contemporaneidade entre as casas, ou mesmo entre elas e os sítios com pontas. Porém o carvão coletado no fundo da casa nº 5 resultou numa datação por C^{14} de 650 ± 50 anos A.P. (Beta 214107), aproximando-se de datas obtidas para casas subterrâneas em Vacaria e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

A partir dessa intervenção, podemos afirmar a tendência de formato côncavo para o piso das casas; bem como a movimentação de terra proveniente do feitiço das mesmas. Esta tinha como finalidade conformar um terraço aplanado na parte mais baixa da elevação, onde as casas estão implantadas. Essas informações são confirmadas por fenômenos semelhantes nos projetos Vacaria e São Marcos, no Rio Grande do Sul (Schmitz 2002 e Schmitz et al. 2005).

Uma questão nova com que se está lidando é a funcionalidade do pequeno e único montículo ao sul da concentração de casas. Em trabalhos recentes Schmitz (2005) e Schmitz et al. (2005) denomina fenômenos semelhantes de estruturas semi-lunares e as considera testemunhos de acampamentos efêmeros.

Para um futuro próximo, resta-nos esclarecer que tipo de relações podem ser estabelecidas entre os *sítios com pontas de áreas altas*, bastante próximos e o conjunto de casas subterrâneas. Ainda, se essas casas representariam certa estabilidade para o grupo ou se seriam moradias estacionais utilizadas na época da frutificação/coleta do pinhão.

4.2. Os sítios de refúgio

Os chamados sítios de refúgio estão localizados em pequenos vales enfunados, com uma estreita abertura vegetada voltada para o vale maior, apresentando manchas de terras pretas (SC-TA-08 e SC-TA-22); ou em pequenos abrigos na encosta de paredões que compõem o Alto Vale do Itajaí do Oeste (SC-TA-17); em outros, ainda, aparecem pouquíssimos artefatos acabados e nenhum outro vestígio da fabricação (SC-TA-07). Ocorrem, normalmente em altitude não superior a 450m s.n.m. e apresentam-se dispostos para o grande vale.

4.3. Sítios com pontas de áreas altas

Estes sítios encontram-se em elevações nas áreas de campo (a mais de 600 metros s.n.m.), muito próximos a cursos d'água ou banhados. Geralmente foram cortados por estradas que ligavam as fazendas do planalto. Originalmente, deveriam estar em algum capão de mato ou na mata ciliar, hoje destruídos para dar espaço para o gado e as plantações.

O material arqueológico pode ser encontrado ao longo das estradas, sem ter de procurar muito. Na estratigrafia observada nas barrancas destas estradas, a camada arqueológica encontra-se entre os 20 e 55 cm de profundidade; em diversos casos, pode-se acompanhar a presença de lascas de sílex ou mesmo de grânulos de carvão, em camadas escuras destas barrancas.

Apresentam muitas pontas de projétil, alguns furadores, raspadores e pequenos bifaces ou unifaces, além de grande quantidade de lascas, fragmentos e núcleos de diversos tamanhos. Existe uma predominância do uso de sílex para confeccionar estes instrumentos (ver Tabela 2).

Existem sítios nos quais a densidade de núcleos, bifaces e pré-formas é maior do que a de lascas, estilhas e fragmentos, e vice-versa (ver Tabela 1). Nas áreas de produção, onde é maior o número de lascas, normalmente encontram-se áreas de combustão, com solo queimado e/ou presença de carvão. Este fenômeno não tem sido observado nas áreas caracterizadas pela maior presença de núcleos e bifaces.

Os sítios com pontas em áreas altas estão relativamente próximos aos sítios com casas subterrâneas. Essa proximidade foi observada em dois planaltos distintos: a Serra do Palmital (SC-TA-19, 20 e 21) e a Serra do Júlio (SC-TA-01, 03 e 23). Esta constatação ainda precisa ser melhor avaliada.

4.4. Sítios com pontas no vale

Foram considerados como característicos desse tipo de assentamento os sítios SC-TA-02, 05, 06, 07, 10, 15 e 16.

Estes sítios encontram-se sobre elevações naturais nas barrancas da margem do rio Itajaí do Oeste e de seus afluentes (± 300 metros s.n.m.), ou no topo de elevações na área do vale, próximo a pequenos arroios. Os fragmentos restantes de mata ciliar dão a entender que os sítios estariam cobertos por ela. Foram "descobertos" por causa de terraplanagens para instalação de cemitério e de moradias, ou pela aração do solo para lavoura de arroz.

Normalmente apresentam-se bastante perturbados pela ação antrópica e os vestígios de cultura material restantes estão espalhados. Isto dificulta estabelecer as dimensões e formatos dos sítios. Diferenciam-se dos *sítios com pontas de áreas altas* por ocuparem terrenos mais baixos originalmente cobertos por floresta densa. Até o momento não ficou claro que outras diferenças podem ser encontradas nesses sítios, tanto em termos de artefatos, quanto de abastecimento que poderiam indicar diferentes funções.

Devido às características, estes sítios parecem ter sido acampamentos rápidos, nos quais seus ocupantes se teriam apropriado de matéria-prima local, confeccionado algum instrumento, abatido alguma presa e recolhido recursos vegetais.

Nos sítios em que existem coletas confiáveis podem se perceber diferenças no material tanto em termos de categorias líticas, quanto de matéria-prima.

Tabela 1: Material lítico encontrado nos sítios de Planalto e de Vale em Taió, SC.

Sítios	Total de peças	Categorias Líticas				
		restos de lascamento	núcleos	instrumentos	outros	
Planalto SC-TA-01	8458	93,6%	2,7%	2,33%	1,4%	
SC-TA-03	839	69%	22%	5,48%	3,69%	
SC-TA-19	319	81%	12%	6,27%	1,57%	
Vale SC-TA-02	332	73%	10%	5,42%	11,75%	

Estão representadas três amostras do Planalto e uma do Vale. Na Tabela 1 observamos primeiro que as amostras são diferentes, havendo uma com muito mais peças do que as outras três. Olhando as categorias líticas representadas nos sítios, se percebe que os resíduos de lascamento, que reúnem as lascas, as estilhas e os fragmentos de lascamento, sempre superam

ao menos os 69%, chegando até 93,6% no SC-TA-01. Os núcleos só neste sítio são pouco representativos (2,7%); nos demais sítios eles oscilam entre 10 e 22%. Os instrumentos se mantêm em 5% com exceção, novamente, do SC-TA-01 (2,33%). Nas coleções e nas coletas sistemáticas, predominam absolutamente as pontas de projétil e os pequenos bifaces, sendo outros artefatos como furadores, raspadores, talhadores e pequenas lâminas/lascas com retoque ou marcas de uso, pouco representados. As pontas testemunham o domínio de uma alta tecnologia na redução das peças e no fino retoque dos bordos. No todo, o material se encaixa muito bem na chamada tradição Umbu.

O sítio SC-TA-01 parece ter aproveitado melhor a matéria-prima, apesar de ter menos instrumentos representados na coleta; provavelmente estes (pontas de projétil) foram levados para atividades fora do sítio. Uma menor qualidade da matéria-prima pode produzir um número maior de núcleos como acontece nos sítios SC-TA-03, 19 e 02. O sítio do vale possui uma representatividade maior da categoria Outros (11,75%), por incluir nela pequenos seixos e fragmentos naturais, devido a sua proximidade com o rio Itajaí; este índice mantém-se baixo nos demais sítios (entre 1,4 e 3,69%).

Tabela 2: Matéria-Prima encontrada nos sítios de Planalto e de Vale em Taió, SC.

Sítios	Total de peças	Matéria-Prima				
		Sílex	Quartzo	Basalto	Arenito Silicificado	Calcedônia
Planalto SC-TA-01	8458	98,17%	0,83%	0,60%	0,28%	0,10
SC-TA-03	839	96,54%	0,36%	2,15%	0,95%	-
SC-TA-19	319	91,85%	0,31%	0,63%	5,33%	-
Vale SC-TA-02	332	91,87%	1,81%	1,51%	2,71%	1,51%

Na Tabela 2, onde está representada a matéria-prima utilizada, aparece uma total dominância do sílex sobre as outras matérias-primas, superando sempre os 90%. Esse silicato tem uma disponibilidade geral em todo o território, mesmo que não tenha sempre a mesma qualidade. O Quartzo sempre tem uma porcentagem pequena, com diferenças entre os sítios. O Basalto, da mesma forma, com uma representatividade um pouco maior no sítio SC-TA-03, que na realidade se deve à presença de muitos seixos não utilizados, o que se reflete nos 3,69% de Outros na Tabela 1. O Arenito Silicificado apresenta uma variação para maior no sítio do vale (2,71%) e num sítio do planalto (5,33%). A Calcedônia foi usada um pouco mais no sítio do vale. Outras razões para essas diferenças ainda nos são desconhecidas, principalmente porque não temos um mapeamento geológico minucioso.

Todos estes sítios são superficiais. Os encontrados por Farias (2005), na encosta do Planalto coberta por Mata Atlântica, são igualmente superficiais. Piazza (1974), em Itaiópolis, 85 Km mais ao norte de Taió, num ambiente parecido, encontrou tanto sítios superficiais quanto em abrigos rochosos. O mesmo aconteceu com Rohr (1984). Quando se olha o mapa produzido por Farias (2005), se percebe que sítios com pontas de tradição Umbu são muito numerosos na encosta leste do Planalto, chegando até a sua borda superior, onde se encontram os municípios de Taió e Itaiópolis.

Os sítios com pontas da tradição Umbu, encontrados até o momento, sugerem um modelo de população forrageadora, que se movimenta num território no qual estabelece acampamentos complementares, de acordo com os recursos locais disponíveis, de uma forma geral e nas diversas estações.

O conjunto de “casas subterrâneas” do sítio SC-TA-04, de tamanhos relativamente parecidos, não conformariam uma aldeia de habitações coetâneas, mas representaria a utilização do mesmo espaço por gerações sucessivas, após momentos de abandono, como foi verificado no Planalto do Rio Grande de Sul (Schmitz, 2002). A associação das casas, neste sítio, também poderia ser casual como se constata nos sítios do Rio Grande do Sul. Um pinheiral muito denso seria a razão de muitas voltas ao lugar. A data de 650±50 A.P. corresponde a um período em que

o Planalto Meridional já está densamente habitado. A casa isolada do sítio SC-TA-01, ponto 8, se acomoda bem dentro deste padrão de assentamento.

Em toda a área não se verificaram vestígios cerâmicos, nem da tradição Taquara/Itararé, que costuma aparecer com os grupos de origem Jê Meridional, nem da tradição Tupiguarani, a qual costuma ocupar áreas de florestas densas.

5. Idéias preliminares para sistema de assentamento

O Projeto Taió tem como objetivo conhecer o sistema de assentamento de populações pré-históricas estabelecidas no limite entre a Mata Atlântica e a mata com Araucária. Para isso foi feito um levantamento sistemático de sítios e o estudo das coleções guardadas pelos moradores e pelo Museu Municipal “Prefeito Bertoldo Jacobsen”.

O levantamento mostrou que existem dois tipos de sítios, um com pontas de projétil da tradição Umbu, outro com “casas subterrâneas” aparentemente sem cerâmica.

Pensando no sistema de assentamento das populações com pontas de projétil, sugere-se um modelo de grupo forrageador, que estabelece acampamentos temporários, tanto no vale que era coberto por uma floresta densa, quanto nas terras altas cobertas por floresta com Araucária. Por enquanto não está visível como a utilização de ambientes bastante diferentes participaria no domínio da área.

Os dois sítios com “casas subterrâneas”, provavelmente repetem o modelo de assentamento explicitado nas pesquisas feitas em outras áreas do Planalto Meridional, que neste momento está firmemente povoado. A falta de cerâmica pede que os assentamentos locais não sejam automaticamente interpretados nos pormenores daqueles outros sítios.

Nas pequenas escavações realizadas nos sítios com casas subterrâneas não encontramos materiais característicos dos sítios com pontas de projétil, sugerindo que se trata de assentamentos de populações ou períodos distintos.

A ausência de cerâmica, tanto nas casas subterrâneas, quanto nos sítios com pontas, é um empecilho a mais para avançar questões relativas a atribuição destes assentamentos a populações conhecidas como Kaingang e Xokleng. Com isso, também torna-se difícil falar de fronteira cultural entre elas.

O Projeto Taió ainda está numa fase inicial. A continuidade das pesquisas deverá testar e aperfeiçoar as propostas iniciais aqui apresentadas.

Agradecimentos: Os autores agradecem a Prefeitura Municipal de Taió e ao Museu Municipal Paleo-Arqueológico e Histórico “Prefeito Bertoldo Jacobsen”, o apoio logístico durante a pesquisa. Ao Arqueólogo Jefferson L.Z. Dias o encaminhamento inicial das pesquisas no município. Ao Biólogo André O. Rosa o companheirismo nas pesquisas de campo e a intermediação para entender o ambiente.

Referências Bibliográficas

- BASILE BECKER, I.I. 1976. O índio Kaingang no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 29.
- BEBER, M.V. 2005. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o caso da tradição Taquara/Itararé. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, São Leopoldo, 10:05-125.
- BEBER, M.V., ARNT, F.V.; ROSA, A.O. 2005. Projeto Taió, Santa Catarina. *Anais do XIII Congresso da SAB: arqueologia patrimônio e turismo*. Campo Grande, MS, Ed. Oeste.
- DIAS, J.L.Z. 2005. A tradição Taquara e sua ligação com o índio Kaingang. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, São Leopoldo, 10:126-158.
- FARIAS, D.S.E. de. 2005. *Distribuição e padrão de assentamento – Propostas para sítios da Tradição Umbu na encosta de Santa Catarina*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUC/RS.
- FOGAÇA, E. 2001. *Mãos para o pensamento*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUC-RS.
- HENRY, J. 1964. *Jungle People. A Kaingang tribe of the highlands of Brazil*. New York, A Vintage Book.
- HOELTZ, S.E. 2005. *Tecnologia lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias líticas do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUC-RS.
- LAROQUE, L.F. 2000. *Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889)*. Pesquisas, Antropologia, São Leopoldo, 56.

- LAVINA, R. 1994. *Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- MILDER, S.E.S. (Org.) 2005. *Casas subterrâneas: Anais do I colóquio sobre sítios construídos*. Santa Maria, Pallotti.
- PIAZZA, W.F. 1974. Dados à arqueologia do Litoral Norte e do Planalto de Canoinhas. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970. Museu Paraense Emílio Goeldi, *Publicações Avulsas*, Belém, 26:53-68.
- RENFREW, C. & BAHN, P. 1991. *Archaeology. Theories, methods and practice*. New York, Thames and Hudson Ltd.
- ROHR, J.A. 1984. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*. Florianópolis, 17: 77-168.
- SANTOS, S.C. dos. 1973. *Índios e brancos no Sul do Brasil*. Florianópolis, Edeme.
- SCHMITZ, P.I.(Ed.). 2002. Casas subterrâneas nas terras altas do Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58.
- SCHMITZ, P.I. 2002. As 'casas subterrâneas': fragmentos de história dos índios Kaingang. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, v. 31, 181: 22-29.
- SCHMITZ, P.I. 2005. Sistema de assentamento Jê no Planalto do Rio Grande do Sul. *VI Reunión De Antropología del MERCOSUR - RAM. Programa y Resúmenes*, Montevideo, v. 1:289..
- SCHMITZ, P.I.; et. al. 2002. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no planalto rio-grandense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58:11-105.
- SCHMITZ, P.I.; et. al. 2005. Casas subterrâneas em São Marcos, RS. *Anais do XIII Congresso da SAB: arqueologia patrimônio e turismo*. Campo Grande, MS, Ed. Oeste.

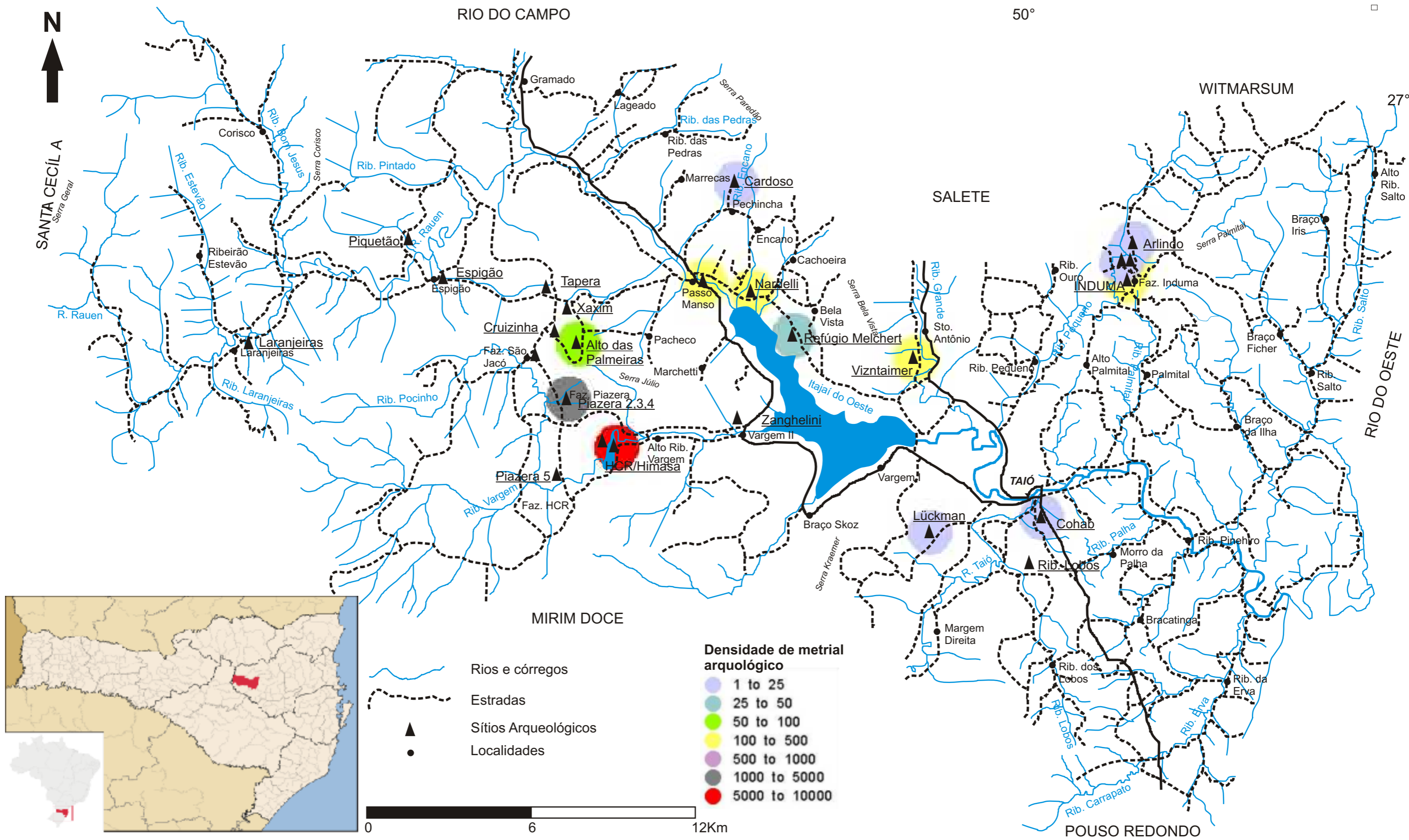


Figura 1: Localização da área de estudo e densidade de material arqueológico por sítio pesquisado

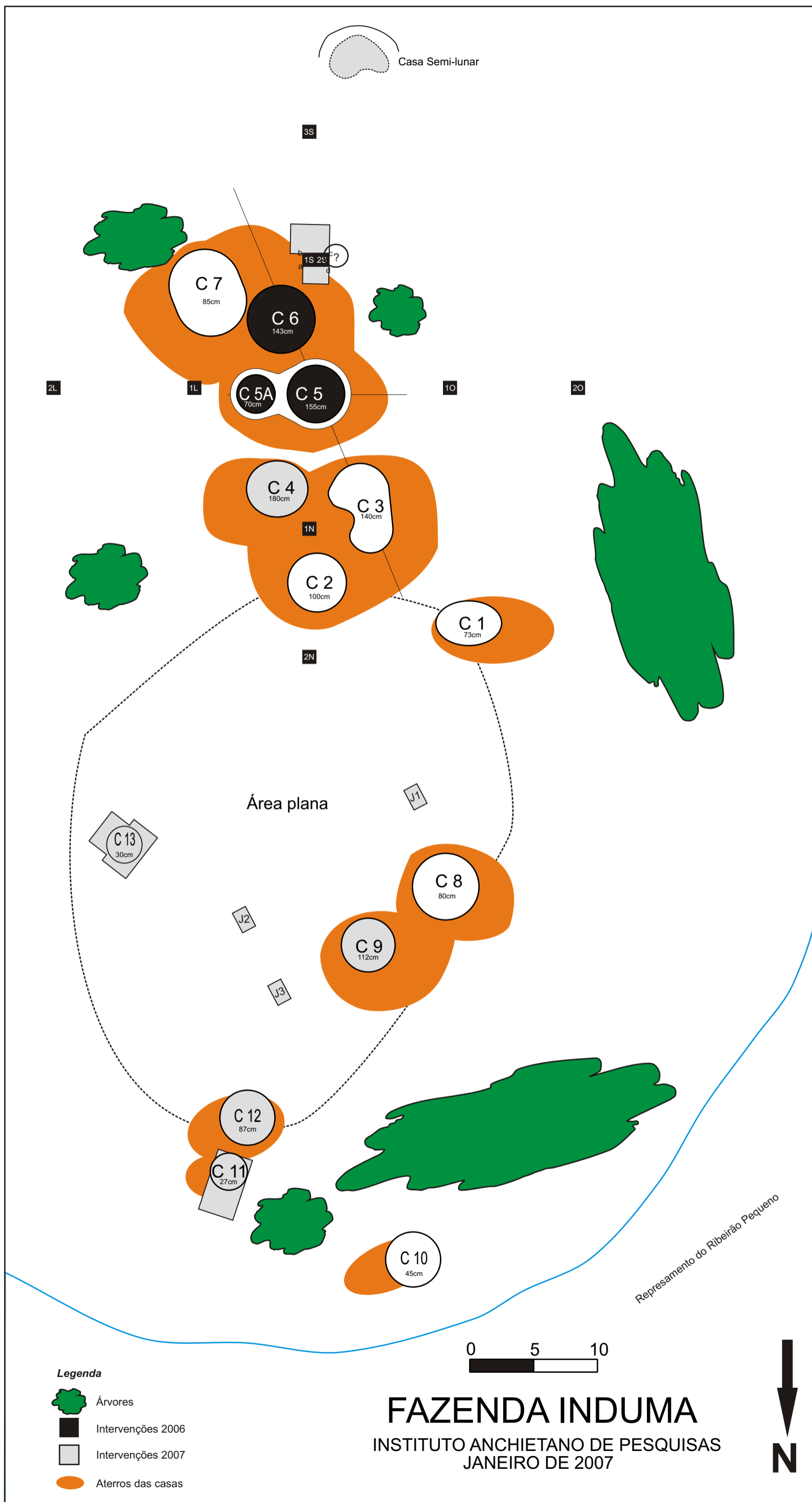


Figura 2: SC-TA-04, croqui geral do sítio com indicações de intervenções realizadas em 2006 e 2007.